

Milagre e magia no mundo das impressões e expressões

Maria Elisa Pessoa Labaki

Resenha de Flávio Ferraz, *Corpo, sonho, palavra: ensaios psicanalíticos II*, São Paulo, Blucher, 2024, 144p.

O presente livro se mostrou uma oportunidade de estudo profícuo e prazeroso. Flávio Ferraz é um craque da escrita e da transmissão em Psicanálise, o que faz de *Corpo, sonho, palavra* uma composição de ensaios bem escritos e cuidados, do ponto de vista formal, e rigorosos na divulgação de uma psicanálise contemporânea atrelada com o melhor da tradição freudiana. Sabemos que só é possível criar a partir do consagrado. Que a invenção precisa da tradição para não resultar em ingenuidade. Na obra, Flávio Ferraz exercita essa dialética pondo à mostra generosamente ao leitor os alicerces de suas formulações, algumas inovadoras.

Para quem ainda não leu os ensaios incluídos neste volume, anteriormente publicados em revistas e coletâneas, o livro pode ser visto como uma extraordinária introdução ao pensamento e escrita do autor. Primeiro, porque tem a capacidade

de ser ao mesmo tempo teoricamente sólido e de fácil comunicação. Depois, porque funciona como uma espécie de historiografia de temas e problemas de pesquisa caros a ele, desenvolvidos ao longo de seu percurso como psicanalista clínico, pesquisador e professor. Os ensaios aqui reunidos foram escritos entre 1997 e 2017. Vinte anos, portanto, de perlaboração clínico/teórica representados em seu percurso por inúmeros artigos e vários livros.

Flávio Ferraz é um freudiano estrutural. Os sete trabalhos aqui reunidos mostram uma Psicanálise ampliada e preocupada em identificar, nas ideias dos autores contemporâneos referidos, continuidades, descontinuidades e releituras do pensamento de Freud. Naturalmente, esse exercício de especificação acaba pondo em destaque a originalidade de alguns deles como Christophe Dejours, Pierre Marty, Joyce McDougall, Christopher Bollas, Wilfred Bion, M. Dayan, Robert Stoller, Jean Laplanche e outros. Ao mesmo tempo que procede ao escrutínio de alguns conceitos e noções seminais formulados por Freud, mas por ele esquecidos ou abandonados em razão dos rumos que os desenvolvimentos teóricos privilegiaram seguir.

Há autores cuja embocadura é mais intrapsíquica, pensam consigo próprios, e o texto reflete a projeção do trabalho da introspecção. Noutros, é a relação com o leitor que define o tom, e sua embocadura é mais relacional. Flávio Ferraz se encaixa nesta segunda categoria, pois conversa com o leitor e o seu texto mostra “a boca” o tempo todo. Assim, ao escrever, ele abandona a posição solitária, introduzindo na trama discursiva um espaço ao interlocutor oculto e receptivo, transformando o texto num jogo dialógico. Nesse sentido, é possível ver, em seus livros, o professor no autor. E não é apenas na forma de prosa boa que desponta sua comunicação fluente e didática. Ela surge também na força da variedade da bibliografia escolhida e das referências aportadas, ora como apoio para suas hipóteses, ora como inspiração nas formulações forjadas por ele de noções e figuras metapsicológicas e clínicas. Por estas, entre

Maria Elisa Pessoa Labaki é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde é professora do curso de Psicanálise. Membro do Departamento de Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae, onde coordena o módulo sobre Sándor Ferenczi no curso de especialização Psicossomática Psicanalítica: corpo e clínica. Autora de *Morte* (Casa do Psicólogo) e co-organizadora de *Psicanálise e Psicossomática. Casos clínicos, construção* (Escuta, 2015) e *Psicossoma V. Integração, desintegração e limites* (Casa do Psicólogo, 2014).

DOI: 10.70048/percurso.73.175-177

outras razões, sua larga cultura psicanalítica resulta numa escrita generosa e potente, bonita até sem querer ser, que revela seu desejo de sentir-se compreendido e seu compromisso com a comunicação. Em cada artigo, não deixa de situar o campo e seu objeto de estudo, explicitar suas hipóteses, desenvolver suas argumentações e formular as conclusões. E com clareza, mostrando que criatividade e suor combinam-se aí para um feliz resultado. Não à toa, Ferraz é um professor querido e requisitado no curso de Psicanálise do Instituto Sedes, onde está vinculado à atividade docente desde 1997.

Flávio Ferraz começou cedo no ofício de professor. Perto de seus 29 ou 30 anos ingressou no curso de Psicossomática Psicanalítica do Sedes – a convite de Wilson Campos que, em 1993, organizava sua fundação –, tendo por lá ficado durante os oito anos seguintes. Pois bem. *Corpo, sonho, palavra* é um retrato fiel da herança da Psicossomática Psicanalítica em sua formação. Em todos os artigos sem exceção há, no mínimo, alguma menção ou lembrança, senão reflexões estruturadas e indagações instigantes postas em diálogo com autores da Psicossomática. Para mim, aliás, este livro pode ser lido como homenagem aos alicerces de sua carreira, aos velhos e bons amigos daquele tempo que com ele participaram da construção e da consolidação de uma Psicanálise mais voltada aos problemas do corpo psicossomático em face dos efeitos nele produzidos pela privação de Eros. Uma psicanálise mais voltada às manifestações disruptivas das pulsões sem representação, portanto, mais focada no estudo do campo das regressões e da destruição das operações de pensamento. A esse respeito, aliás, temos notícias dos estudos que Flávio Ferraz desenvolveu no campo das perversões e da normopatía através de outros livros e artigos de sua autoria.

A inclusão dos dois primeiros ensaios que abrem o livro, “Das neuroses atuais à psicossomática” e “A tortuosa trajetória do corpo em psicanálise” são exemplo eloquente dessa marca. Neles, Ferraz recupera o conceito de neurose atual relativo à tópica do corpo somático e à desconexão da

libido no campo das representações, que foi assunto um tanto esquecido por Freud e que figura como ponto de partida para o desenvolvimento da psicossomática psicanalítica, especialmente na França com a Escola Psicossomática de Paris, que tem nas figuras de Pierre Marty e Michel D’Muzan seus principais expoentes. Um outro recorte de pesquisa presente em alguns artigos, e que também é parte do DNA da Psicossomática, surge nas inquietações relacionadas à aplicação clínica do critério de ser analisável ou não diante das problemáticas do ato – sejam as voltadas para dentro na forma de somatização, sejam as voltadas para fora, via motricidade nas neuroses de comportamento, nas compulsões e perversões. E que foram nomeadas por Maria Helena Fernandes em seu livro *Corpo* como “manifestações do transbordamento”. Aliás, no que tange à possibilidade de análise, Sándor Ferenczi, lá nos idos de década de 20 do século passado, já apontava o desatino que Flávio Ferraz formulou tão bem: se os pacientes não suportam ou não respondem às interpretações, a psicanálise está certa e eles estão errados. Evidente que aqui apresento uma caricatura um pouco exagerada que não se esquece do texto *Construções em análise* (1938), no qual Freud oferece uma alternativa técnica para o tratamento dos vazios representacionais.

Nessa esteira, há um ensaio muito interessante sobre o valor e a utilidade das entrevistas iniciais, conquanto possam determinar certa eleição da técnica do enquadramento e dos instrumentos a serem empregados no processo analítico. Assunto bastante abordado pelos analistas da Escola de Paris, especialmente P. Marty, as entrevistas iniciais encontram nas reflexões de Flávio Ferraz um tratamento original a partir de um conceito de M. Dayan chamado singularidade idiopática. Avaliar “o contato do paciente ao seu mundo interno naquilo que este comporta de singularidade” (p. 95). Eis o cerne do que opera o conceito. Especificamente, discernir que fração do real pertencente apenas àquele que fala se manifesta pelas palavras com as quais ele se representa e se apresenta para um outro em transferência – zona

compartilhada que pode ser também objeto de esperança e de devir. Assim, o dispositivo em questão pode oferecer as condições para a construção de uma demanda em nome próprio.

O tema da linguagem está contemplado no livro. Linguagem onírica, linguagem verbal, do afeto e representacional, linguagem do corpo, linguagem ideológica, linguagem do pensamento analítico, do raciocínio clínico. Em “Por uma metapsicologia dos restos diurnos”, por exemplo, Flávio Ferraz apresenta o que chamou por “via aferente do sonho” (p. 74), desenvolvendo o conceito na companhia inspirada de C. Dejours e da noção por ele criada de “perlaboração pelo sonho” (p. 74). Trata-se da vocação recaladora do sonho nos processos de inscrição psíquica e na constituição das representações mentais. Função esta que se contrapõe a outra, a via eferente, que expressa e revela o inconsciente por dar acesso exatamente ao material recalçado. A novidade está aqui em conceber o sonho como um método para o recalçamento.

O último ensaio do livro e que fora escrito mais recentemente, intitulado “A morte das palavras”, é especialmente comovente. Nele, o autor nos presenteia com uma imagem em que a palavra “desbota até a morte” (p. 120) quando atingida por uma ação violenta, intrusiva e colonizadora, extractiva e abusadora. Se a palavra é obra do milagre, como define Flávio Ferraz, eu diria que também é obra da magia. A palavra um pouco morta e desafetada, como quer Joyce McDougall, ou operatória, de acordo com a teoria de Pierre Marty, dificilmente é capaz de transportar o eu para o mundo e, ao contrário, de incluir as coisas no eu. Falta a ela um tanto do afeto para fazer as ligações e as pontes; falta também um tanto da faísca que transforma o factual em poesia, o sensorial em

pensado. Mas sua reanimação é possível, escreve Flávio Ferraz, pela “escuta interessada emoldurada por funções analíticas” (p. 135). Receita clínica esta que eu apenas incrementaria com o ingrediente que vem do campo da estética: a sensibilidade contratransferencial, através da qual o analista se dispõe a afetar e ser afetado, proporcionando assim que se dê, no encontro com seu paciente, a transição da experiência sensorial para a construção de sentidos.

Tenho especial interesse no ensaio intitulado “O primado do masculino em xeque”, escrito em 2008, para o seminário que venho coordenando no curso de Psicanálise em torno da sexualidade infantil e do complexo de Édipo. Nele, Flávio Ferraz não só se junta a outros autores que, como sabemos, apontam para a relatividade histórica de algumas construções teóricas psicanalíticas, como demonstra, desde o interior da teoria, que as elaboradas em torno do feminino e do masculino estão de fato assentadas em determinantes culturais e ideológicos da época. E as coteja com propostas teóricas interessantes de Stoller sobre a teoria da sexuação e dos gêneros, que de saída discorda do fundamento do falo, porque não privilegia, como Freud, o investimento sexual, primário da criança, mas sim os mecanismos primordiais de identificação. No fundo, o que parece operar na concepção de Stoller teria como base a redefinição que ele faz sobre a ordem do que considera primário, trocando então a primazia do sexual pela primazia do narcísico; o regime do desejo pelo da necessidade; e a presença ou ausência da representação construída a partir do pênis, mais conhecida por falo, pela presença ou ausência do seio. O artigo instiga e é esclarecedor. Assim como todo o livro.